2.ª SERIE TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 33. QUINTA FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

IMPORTANCIA DO GADO LANIGERO NA AGRICULTURA.

365 Se as circumstancias são as que determinam o agricultor prudente e entendido a adoptar um systema de cultura, deveria regular-se do mesmo modo quanto aos animaes convenientes á sua especulação. N'umas partes merece preferencia o gado vaccum, e n'outras o gado lanigero. Em tal situação será vantajoso cuidar da creação de gado, e n'outra tratar sómente de engordal-o para a venda.

Qnaes são pois as causas que em taes casos devem remover as duvidas do agricultor? — Ouçamos o que diz a este respeito um agronomo pratico, Mr. Malingiè Nouel, director do casal-modêlo de la Charmoise.

«— Não sei que haja livro que trate este assumpto por um modo pratico e concludente. Grande foi, por tanto, o meu embaraço, quando ao começar minha carreira agricola propuz a mim mesmo este problema: — Qual é na minha posição o genero de gado que devo adoptar por mais vantajoso? — E comtudo é uma das questões mais vitaes, de que depende talvez a prosperidade de uma empreza agricola, porque bem louco seria quem não a fizesse consistir nos estrumes, e os gados são os productores dos melhores estrumes. Ora, reconhecida a necessidade de ter gado, chega-se por uma consequencia mui natural a procurar qual é o genero de gado mais vantajoso, afim de por meio delle se obter o estrume pelo mais baixo preço possivel. Na incerteza em que me punham os conselhos pouco seguros dos escriptores e a minha propria inexperiencia, fiz primeiramente o mesmo que praticavam os meus visinhos, procurando imitar os que tiravam melhores resultados, e segundo os conselhos prudentes que recommendam augmentar a producção das materias animaes ainda mais pela abundancia e qualidade do sustento do que pelo numero avultado de cabeças de gado. Mas, não existindo perfeição em coisa alguma deste mundo, sendo todavia da essencia humana procurar a perfectibilidade, não tardou que eu reconhecesse por um lado os inconvenientes da qualidade de gado com que eu fizera os meus ensaios, e por outro lado a necessidade de comparar entre si os outros modos de producção animal, afim de me approximar o mais possivel da perfeição, segundo a situação em que estava collocado. Estas circumstancias me levaram do meu ponto de partida, que fôra especular com o gado grosso, a estudar o gado lanigero, estudo em si mesmo bastante attractivo, e que em bem pouco tempo me interessou vivamente. Com effeito, o gado ovelhum tem a particularidade notavel de que podendo ser admittido nas localidades agricolas mais ferteis, fórma o gado por excellencia das terras de qualidade mediocre, e é o unico admissivel em torrão arido e esteril. Recommendavel além disso pela carne mais substancial que nos fornecem os animaes domesticos, ministram ás precisões do homem uma materia prima inteiramente especial, a lã, que tão importante é no commercio e prosperidade das nações.

Mas, neste interessante estudo havia que profundar muitos pontos. Para chegar ao descobrimento do que convinha preferir, era mister apreciar as precisões da época, tomar esclarecimentos dos resultados obtidos n'outras partes, vêr se esses resultados eram adoptaveis, e se o não eram procurar outro caminho para o prospero exito. A resolução deste problema era sem duvida complexa; exigia multiplicados ensaios, viagens dispendiosas, sobretudo muita perseverança e tempo. Esta ultima condição quadrava pouco com a impaciencia franceza e com o fervor que sentimos de chegar a resultados, recompensa de nossos esforços. Mas, no meu entender, o problema era de grandissima importancia, e podia, tendo feliz solução, produzir incalculaveis consequencias. E de mais disso não havia meio de o resolver de outro modo.»

O auctor diz que arrostou com este trabalho por espaço de doze annos, e agora communica ao publico o fructo da sua experiencia. Começa tratando das precisões da época, e ainda que as suas observações sejam directamente applicadas á França, podem deduzir-se dellas verdades muito uteis para os outros paizes.

«Houve no principio deste seculo uma grande revolução no que respeita a gado de lã, a qual começou pela introducção dos carneiros merinos em França e rematou na expulsão dos carneiros indigenas em toda a parte, onde os merinos poderam achar as condições indispensaveis para prosperarem. A precisão da época era a lã fina que a Hispanha produzia exclusivamente

e que valia então, em bruto, a rasão de 6 francos (960 rs.) e mais, por kilogrammo (2 arrateis e quasi 3 onças). Sob a influencia de tal estimulo, a innovação introduziu-se rapidamente. Aquelles animaes estrangeiros eram na verdade mal organisados, ossudos, rebeldes de engordar, sensiveis á humidade, e mais exigentes do que os indigenas; porém, o seu producto em lã era abundante e o unico que nessa épocha merecia attenção.

Appresenta-se logo e naturalmente uma observação muito instructiva. Os merinos para se naturalisar não careceram dos premios e favor do governo ou das sociedades de agricultura. O estado é verdade que concorreu para a sua introducção, mas o alto preço das lãs foi o unico movel real da grande e pacifica revolução que então se effectuou. Os cultivadores de agora nem são menos illustrados, nem menos dispostos ao progresso de que eram seus paes, e se parecem mais afferrados do que elles a seus methodos e erros, é por que as vantagens que haverá em os abandonar não são tão positivas e evidentes como as da introducção dos merinos. Fazei hoje lucrativo um ramo de cultura, qualquer genero de gado, e vêl-os-heis adoptados ainda mais rapidamente do que o foram os merinos, porque os meios de publicidade, o amor do que é melhor, o desejo do ganho, tem progredido com o seculo. O segredo de realisar os melhoramentos agricolas reside na sua vantagem material. Todos os incentivos da parte do governo, todos os premios das sociedades de agricultura moverão, quando muito, alguns individuos a darem-se a tentativas, mas nunca attrahirão a totalidade dos agricultores a um caminho, onde lhes não apparecer aos olhos claramente uma vantagem real.

Porém, como cada épocha tem suas precisões, as que foram satisfeitas pela introducção dos merinos se tornavam cada vez menos exigentes, até pelo facto da multiplicação destes, e as lãas seguiram em baixa constante que não parou, em nossos dias, se não em os ultimos limites do possivel, e muito abaixo do seu valor real. Coisa, com effeito, notavel, o *preço venal* da carne e o da lãa se tem quasi equilibrado em certos mercados! Esta ultima, comtudo, em grande parte privada de humidade e dado pezo egual, muito mais rica em materia animal do que a carne, custa muito mais do que ella a produzir, e extrahe do solo, vasto thesouro que comprehende a riqueza nacional, uma dose de fertilidade proporcionalmente mais consideravel. Ninguem, considerado o facto sob o aspecto agricola, ousará affirmar que o preço, por que os productores vendem a carne aos magarefes, é muito alto, do que resulta por tanto que o preço da lãa está muito baixo.

Todavia o facto existe, e como as exigencias do fisco, as necessidades commerciaes habituadas a dominar as necessidades agricolas, os habitos da commodidade barata, so oppoem á justa adopção das medidas que restabeleceriam um *preço venal* da lã, em relação com o seu valor real; é forçoso admittir este facto, e concluir dahi que, tendo mudado as circumstancias, veio o tempo de mudar egualmente a industria do gado miudo. O agricultor prudente deve evitar, tanto um apego ridiculo a perseverar no caminho rotineiro, quanto a cega precipitação em acceitar a novidade e coisas desconhecidas.

Tendo pois passado em França o tempo do favor exclusivo dado aos merinos, conhecia todo o observador attento que convinha buscar, n'outra parte, o typo de uma raça mais conveniente e mais appropriada do que a sua ás novas precisões, creadas pela marcha do tempo, pelos progressos da industria fabril e pelo augmento da população.

Os inglezes, que nos precederam em o estudo de quasi todos os objectos de interesse material, tinham conseguido formar raças mui precoces, dotadas de fórmas admiraveis, que engordavam com rara perfeição, e cobertas de uma lã liza e comprida, a qual se presta á confecção de um grande numero de estofos, que a arte engenhosa do fabricante tem conseguido crear. Os agricultores inglezes possuiram a modificação do gado lanigero, que reconhecemos ser-nos precisa.

Ha tempo os nossos judiciosos visinhos repudiaram uma raça, cujo unico merecimento consistia em vellos facilmente transportaveis, e que podiam obter por baixo preço, mesmo das partes mais distantes do globo; e adoptaram outras raças, cujo merecimento está principalmente na boa qualidade das carnes, e que não pódem ser trazidas com egual facilidade de grandes distancias: completaram a sua creação alcançando cobrir essas novas raças, de uma casta de lã inteiramente diversa da que produzem os merinos. Esta lã, eminentemente propria para a cardadura, corresponde a outras precisões differentes das que satisfazem as lãs merinos, e por consequencia não padecem com a concorrencia destas.

Esta creação dos agricultores inglezes é mui prudente: é perfeitamente adaptada ás precisões da épocha. Seria loucura da sua parte, no meio dos pesados encargos da nossa civilisação adiantada, luctar para a producção das lãs finas com immensos territorios, onde essa producção não custa senão o trabalho da tosquia. Na Russia meridional, na Australia, em toda a parte onde o clima e as mais circumstancias locaes se encontraram favoraveis aos merinos, fizeram uma coisa proveitosa multiplicando-os. N'um paiz onde o solo nada custa, onde todos os cuidados consistem em abandonar os rebanhos á naturesa, era, com effeito, vantajoso escolher a raça que tinha a principal valia da maior facilidade do transporte do producto a par de um valor intrinseco mais consideravel. A lã dos merinos reune estas condições; é a mais fina de todas; lavada e comprimida torna-se transportavel com pouca despeza, e por preço tão baixo que fazendo-se descer a sua abundancia aos mercados dos grandes centros populosos, onde lhe permittam appresentar-se, deixará sempre lucro, pois que nada custa. Os inglezes comprehenderam a consequencia logica de que, permittindo a importação daquellas lãs, não deviam loucamente obstinar-se em as querer produsir no seu territorio; e deram a preferencia a uma raça, cujo principal merecimento, repito, consiste em producção para o açougue, e que sempre affrontará a concorrencia da Russia, da Asia Menor, ou da Australia.

Pelo que nos toca, a introducção em nossos mercados de todas essas lãs estrangeiras causou o decahimento das lãs francezas analogas, a depreciação dos rebanhos que as produzem, e a sua diminuição numerica, porque o cultivador restringe naturalmente

a producção que lhe é onerosa. Por uma consequencia inevitavel, a marcha progressiva da agricultura afrouxou, visto que não pódem existir pregressos neste ramo sem estrumes por preço barato.

Este erro é grave: a responsabilidade peza ao mesmo tempo sobre a legislação e sobre os cultivadores. Sobre a legislação, porque imitando prematuramente a Inglaterra permittiu em França uma concorrencia que não podia ainda supportar a agricultura do paiz; sobre os cultivadores, porque collocados violentamente debaixo da influencia de circumstancias novas, não souberam distinguir essas circumstancias e tirar dellas partido. Obstinaram-se em produzir um genero decahido em preço no mercado, e não imitaram a sabia transformação que effectuaram em seus rebanhos nossos prudentes e intelligentes visinhos. O governo commettia um erro imitando os inglezes, sem lhe importar saber se a agricultura franceza podia segui-lo na imitação; e os cultivadores francezes, pela sua parte, cahiam n'outro erro, tambem nada pequeno, deixando de imitar, e permanecendo cegamente afferrados ás suas antigas praticas. E todavia a imitação das modificações inglezas era uma consequencia inevitavel do acto do governo; não devia fazer-se uma sem que se lhe seguisse a outra, sob pena de desencontros e dos damnos, que um proceder de parte a parte tão mal combinado e tão pouco intelligente nos tem acarretado. Mas o que não se fez ao principio ainda póde fazer-se, e será bom que se ponha em pratica quanto antes. Vejamos como.»

(Continúa.)

DAS BATATAS TEMPORÃS.

366 Perto de sessenta annos tinham decorrido desde a introducção da cultura da batata em França, quando appareceu a molestia que as contamina. A batata, provinda dos Estados-Unidos foi atacada, pela primeira vèz, em 1843; reproduziu-se o mal no anno immediato e em 1845 espalhou-se pela Europa. Nos annos de 45 e 46 procedeu-se em França a um inquerito sobre este grave assumpto, para conhecer as causas e procurar os preservativos. Os resultados foram analysados e consignados n'um relatorio appresentado em 1847 á Sociedade central de agricultura por M. Payen um dos sabios mais experientes da França.

Por este notavel trabalho, vê-se que nenhum resultado util se obtivera dos differentes processos ensaiados, taes como o emprego das estrumadas, lavras, gradaduras, sachas, combinadas, variação de amanhos e de culturas.

Depois do inquerito, muitos agronomos deram outros conselhos, propozeram combater o mal pela preparação da semente, pelo emprego de certos estrumes, pela aspersão da agua de cal sobre as folhas das plantas e repetida mais tarde, pelo corte das flores, e por um modo de conservação das batatas mediante uma mistura de cal e carvão moido. — Tambem se propoz collocar á sombra as plantações das batatas.

Todavia, a sciencia pelo orgão de M. Payen parecenos ter verificado que a doença era resultado de uma producção parasita cryptogamica. — Mas indicar a causa não era indicar o remedio; porque não poderia considerar-se como remedio a proposta de diminuir o numero das plantações a fim de diminuir a quantidade do elemento parasita e para chegar gradualmente á desapparição do mal. Foi, portanto necessario voltar a um systema bem succedido no departamento de l'Allier.

Este systema consiste no emprego das variedades de batatas temporãs. Já estava justificado por um dos resultados consignados no relatorio de M. Payen, onde se lê. — « As variedades temporãs ficaram conservadas. Atacadas com menos força do que as variedades serodias sómente se encontraram duas localidades excepcionaes a este respeito. Uma variedade temporã, semeada no tarde, teve a sorte das serodias. Os tuberculos productos de sementeira não foram exemptos.»

Mais adiante as conclusões dizem: — « empregar batatas temporãs ou renovadas de sementeira, escolher os tuberculos sãos, intercalar outras culturas, submetter as sementes á preparação de cal, ou empregar misturas de carvão e ferrugem da chaminé.»

É verdade, como observa M. Payen, que as variedades temporãs são um tanto menos ricas em fecula do que as amarellas. A perda póde compensar-se por uma segunda colheita de nabos, ou similhante.

É pois facto experimentado que a excepção é favoravel á batata temporã. É um facto e todos sabem que a agricultura menos é uma sciencia á priori do que uma longa pratica de factos.

DA FALSIFICAÇÃO DAS FARINHAS.

367 Á Sociedade d'*Encouragement* foi presente uma memoria de M. Lecanu que tem por objecto ministrar aos chimicos e mais pessoas encarregadas do exame das farinhas, suspeitas de adulteração, novos meios de reconhecer a presença de materias estranhas que possam conter. Eis o relatorio feito por parte da commissão das artes chimicas sobre a mesma memoria.

O estudo das farinhas offerece simultaneamente interesse scientifico e interesse pratico ou de applicação, e de grande monta porque se tracta da substancia que constitue a base da alimentação dos povos civilisados.

M. Lecanu attendeu exclusivamente ás duas substancias que são com maior frequencia misturadas na farinha de trigo; a saber, a fecula das batatas, e a das farinhas das leguminosas, como feijões, favas, etc.

Examinou successivamente os diversos meios que tem sido indicados para distinguir a fecula das batatas na farinha de trigo. A maior parte desses meios, mui convenientes para reconhecer a fecula quando ella está só, são duvidosos e insufficientes quando pequena quantidade de fecula está ligada e por assim dizer afogada n'uma quantidade consideravel de farinha. Como é possivel, por exemplo, distinguir na farinha uma centesima parte de fecula de batatas?... M. Lecanu o consegue por um methodo tão bem succedido quanto facil, fundando-se no facto já notorio de que a granita da fecula de batatas tendo volume muito mais consideravel do que a do amido de trigo, precipita-se dentro d'agua mais promptamente do que esta.

M. Lecanu opera assim: — Dada uma porção de farinha, separa a gluten amollecendo a massa com um fio de agua ao modo ordinario de amassar as drogas.

O liquido turvo que contém o amido é agitado e lançado n'uma peneira de seda para reter as pequenas porções de gluten que poderiam ser levadas pela agua. O liquido que passou pela peneira é agitado e escorrido antes que assente toda a materia solida. — A fundagem que fica depois desta primeira decantação é diluida em nova porção d'agua, que se agita e decanta como da primeira vez, antes da precipitação completa da materia solida. Repete-se esta operação terceira, quarta vez, e mais se fôr necessario, tendo o cuidado de examinar o residuo, de tempo a tempo, com o microscopio, ou uma lente de subido gráu. — Todas estas fundagens successivas contém amido, e fecula se a houver; mas, o amido em rasão da pequenez da sua granita, ficando mais tempo em suspensão na agua, é continuamente levado pelas successivas decantações; e a fecula, ainda que não houvesse senão uma centesima parte, acha-se quasi toda no ultimo residuo.

Tendo-se conseguido desta fórma apartar mechanicamente a fecula, o problema acha-se em certo modo resolvido; porque todos os caracteres distinctivos estão de tal sorte salientes que não é possivel haver erro ou incertesa. O auctor recorda e este respeito e sujeita a miudo exame os diversos caracteres, que offerecem as misturas de fecula e de amido, vistas ao microscopio e sob a influencia dos reagentes, quer com as dissoluções de potassa de patente (legitima) como praticou M. Donny; quer empregando-se o acido chlorhydrico diluido como propõe M. Lecanu, acido que obra de um modo analogo á potassa.

Devemos notar, antes de ir mais adiante, que M. Boland já havia proposto, para reconhecer-se mais facilmente a fecula na farinha, diluir com agua a mistura do amido com a fecula supposta, e deixar assentar esta mistura n'um vidro de fórma conica. Operando assim e examinando sómente a porção do amido reunida na ponta do vidro, acha-se a fecula u'uma proporção mais forte do que operando sobre a massa toda.

Vê-se que é a mesma idéa que guiou M. Lecanu, só com a differença de que, repetindo as operações methodicamente, pôde chegar a uma eliminação completa do amido.

Tratando de reconhecer a presença das farinhas de leguminosas na farinha de trigo, o auctor emprega tambem um processo analogo.

Faz uma porção de massa rija com a farinha suspeita, mete-a n'um embrulho de panno de linho e extrahe o gluten como no anterior processo. A mistura do amido é passada pela peneira de seda para separar os restos de gluten e de tecido cellular que podesse ser levados pela agua. O amido que fica assente é depois submettido a successivas lavagens, como já dissemos para a separação da fecula de batatas; a das leguminosas tendo quasi o mesmo volume e a mesma fórma que a destas plantas, achar-se-ha nos ultimos residuos, e segundo M. Lecanu, será facilmente conhecida, com o auxilio do microscopio, pela cicatricula que apresenta cada granita; é uma fenda longitudinal, ou as mais das vezes duas fendas em fórma de cruz, que se observam na parte media das granitas de fecula das leguminosas, quando se examinam tendo-as simplesmente humedecido com agua. Este caracter não se manifesta nas granitas enxutas, mas reproduz-se quando são de novo humedecidas.

M. Lecanu observa além disso que, tratando-se a farinha de ervilhas ou de feijões, por meio do acido chlorhydrico diluido em tres ou quatro tantos do seu volume de agua e na temperatura de banho-maria, a fecula dissolve-se completamente, e o tecido cellular que fica depois da dissolução da fecula é incolor; ao contrario aquelle tecido é fortemente coroado de roxo como de borras de vinho, quando provém de farinhas de lentilhas, de chicharos, o que fornece assim um caracter differencial e novo para distinguir essas diversas farinhas entre si, bem como a sua mistura com a de trigo.

Em summa, as novas investigações de M. Lecanu, accrescentaram notavel aperfeiçoamento aos meios de apartar a fecula das batatas misturada com a farinha de trigo. O auctor fez conhecer o partido que se póde tirar do emprego do acido clorhydrico diluido em agua para o exame das farinhas; chegou egualmente a apartar e determinar, pelos seus caracteres de organisação, as granitas de fecula das plantas leguminosas, cuja presença até agora não podia ser designada, senão por meios indirectos.

Conclue o relator pelo voto de inserção deste extracto da memoria no *Boletim da Sociedade*.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

TYPOS POPULARES.

O çapateiro d'escada.

368 Larra escreveu um espirituoso artigo intitulado: « *modos de vida que não dão de viver* »: á lista das classes minuciosamente estudadas pelo folhetinista hispanhol, é do nosso dever accrescentar a respeitavel e popularissima confraria dos *çapateiros d'escada*.

Typo imminentemente pronunciado, tem direito a ser acceito pela imprensa, e a fazer parte d'uma lista, ainda que mais não seja senão d'uma lista de proletarios. Lista para que se não compram votos... porque não ha dinheiro: para que se não fazem revoltas... porque não ha ministros: que não tem opposição... porque ninguem aspira ao poder: e que não conta sequases... porque não dá recompensas: lista finalmente tão *lucrativa* como a da misericordia; tão magra como a d'um *hotel* ao *rez de chaussé*; tão intelligente e conscienciosa como uma lista eleitoral n'umas eleições a cordel. Eu te saúdo, çapateiro d'escada! Fazes parte d'uma lista, para que não vendeste a consciencia; para que não incensaste o governo; para que não agiotaste com a viuva; para que não renegaste a vontade, o tira-pé, e o senso commum. Eu te saudo! Se d'entre portas festejas

o sol, que alvorece por detraz da trapeira do teu visinho defronte, tambem te despedes delle com toda a cortezia, e o saúdas do patamar, ao pendurares a candêa no carcomido ferrolho da tua porta d'entrada. Perdoa-me, se lhe chamei tua! Sua lhe chama tambem o inquilino do primeiro andar; sua e muito sua lhe chama quem, empoleirado na agua-furtada, dá como razão de morar tão *alto*, se é empregado publico, ficar mais perto da *baixa;* se é usurario ou logista, o poderem vêr da janella uma comprida nesga do Tejo. E o senhorio a todos acha razão, menos a ti, çapateiro! A quem mora no primeiro andar, porque na sua opinião é quasi que um palacio. A quem habita na trapeira, porque tambem já apostou e perdeu que não havia panorama mais lindo, do que o que se descortinava sem oculo, por entre as biqueiras do seu predio, e um gallo de folha de Flandres encarapitado no tôpo da chaminé fronteira! E tudo porque? Porque os inquilinos pagam-lhe renda; e tu apenas recebes os direitos de portagem, e enxotas com severidade algum cão, que venha incivilmente ladrar-lhe á porta!

E o çapateiro ri-se e despresa-os, porque tem a consciencia da sua posição. Se não é elevada, porque nem mesmo alcança o primeiro degrau da escada . . social, em compensação disso, conhece e avalia em si recursos, que o habilitam a subir, e a descer tambem com azas. . . muitas vezes de páu, da porta da rua ao quinto andar, e do quinto andar até á porta da rua. Enthusiasta pela leitura, o çapateiro d'escada sabe de cór as façanhas mais façanhas do Carlos Magno. Doe-se da sorte do pobre Guy de Borgonha, e enthusiasma-se por Oliveiros e Ferrabraz, como um reformista pelas idéas de Cobden, ou como um pateta, pelas cadernetas do Judeu-Errante. Aborrece o almirante Balaam, quasi tanto como um inglez ama a cerveja, e enternece-se pela formosa Floripes, ainda mais, se é possivel, do que o agiota por um recibo, e o deputado de provincia pelo primeiro discurso que alinhavou sem mentor. O çapateiro d'escada tem o que quer que seja d'almanack. Conhece de vista quasi toda a gente do seu bairro; sabe os nomes a todos os moradores da sua rua; os empregos a todos os inquilinos do seu quarteirão; as edades a todos os visinhos da sua escada. Além destes estudos, apenas topographicos, o çapateiro d'escada prima n'outros diversos ramos de sciencias e de litteratura. Sabe as biographias de todos os enforcados em Lisboa desde 1834, e a historia documentada de todas as revoluções desde 1820.

Com o seu tal ou qual instincto d'artista, o çapateiro d'escada chora ao vêr representar uma farça no Salitre; e ri estrepitosamente ao ouvir um melodrama descabelado em tiradas balofas de um cantochão de surdina. Tão forte na pratica, como nas theorias, deita meias solas com toda a segurança, e discute com conhecimento de causa a theoria do remonte. Politico por necessidade, apoia no primeiro andar o absolutismo, a monarchia no segundo, no terceiro a republica, o socialismo no quinto, e o communismo nas aguas-furtadas. Nacional por força de circumstancias, a introducção das botas de polimento fixaram-no ainda mais nas suas primittivas opiniões. Olha com um certo ar de sarcasmo para a sola fina, e não póde levar á paciencia que tivessem caído em desuso as taixas nacionaes. Com um bem intendido orgulho de classe, o çapateiro de escada odeia os rifões, desde que alguem mal-intencionado se lembrou de inventar o de — *ou Cesar ou çapateiro.* Eloquente por naturesa, os seus recursos oratorios duplicam de logica e de vehemencia nos debates deste melindroso assumpto. Nestas occasiões é que se lhe conhece a arreigada crença n'um dogma; esbraveja como um possesso, nega a palavra á opposição, bate inspirado na tripeça, e n'um epilogo digno de Mirabeau, remata, sem lhe ser dado ouvir os immensos applausos dos seus numerosos amigos. O çapateiro d'escada é retrogrado. Se no officio anda pelo menos atrazado cincoenta annos, em tudo o mais quasi que pouco adianta; prefere a niza á sobre-casaca; o chinquilho á liberdade de imprensa; o lagarto da Penha a um retrato a daguerreotypo; e uma traducção dessas que por ahi correm, ao zum-zum um pouco mais harmonioso d'um realejo quebra-cabeças. De ordinario o çapateiro d'escada não aprendeu o officio. Escapo dos recrutamentos por algum feliz defeito natural, opta pela sovela, com preferencia a deixar-se morrer de fome: sem curso especial, tudo o que faz deve-o a si. Soletra os manuscriptos, e lê por cima a letra redonda; escreve com pauta e faz as contas pela taboada; diz que sabe a doutrina, e confunde os sete peccados mortaes com as obras de caridade!

O çapateiro d'escada nunca trabalha sem oculos. Perdeu a vista a lêr entremezes, e a espreitar por conta alheia a vida da visinhança; o que perdeu na vista, ganhou no ouvido. Fingindo,

como elle diz, que faz pela vida, nada lhe escapa. Ouve tudo; desde os arrufos matrimoniaes dos visinhos defronte, até ás confidencias seraficas dos namorados nocturnos; desde os calculos financeiros do agiota da agua-furtada, até ás rimas bombasticas d'um poeta de sobre-loja; desde os planos economicos do fanqueiro da esquina até ás salve-rainhas sorvidas da beata do quarteirão fronteiro; tudo é do dominio do çapateiro d'escada! Erudito á força, sabe em resumo o que a visinhança cuida saber á larga. D'aqui lhe vém a mania de querer ser conselheiro honorario de todos os seus conhecimentos; é capaz de enredar uma familia só para lhe dar um conselho; de indispôr dois amantes só para ser o medianeiro officioso das pazes; de intrigar o bairro inteiro, só para depois ter o gosto de vêr assignar um protocollo! Quasi Metternich pelos mexericos; o çapateiro d'escada, como um ministro constitucional, alcança frequentes vezes um bill de indemnidade, e levantando avultados fundos de calumnias, intende que não deve depois dar contas nem ao paiz que se achou logrado, nem á maioria que lh'o concedeu, julgando que o çapateiro e o ministro fariam melhor uso da prerogativa que se lhes concedêra.

O çapateiro de escada trabalha pouco e mal' mas ainda assim faz obra digna dos seus freguezes. Desde o official desligado até ao aprendiz de barbeiro, desde o filho mais velho do empregado publico, até ao distribuidor de cadernetas e de gallicismos, são todos freguezes seus! Ha ainda porém uma differença, é que o militar e o empregado publico pagam ás prestações, em quanto o aprendiz e o distribuidor saldam as suas contas á vista. O çapateiro d'escada é previdente e perspicaz; desde a primeira banca-rôta; póde talvez ser um pouco remisso no trabalho, mas ninguem o accusa com justiça de falto de cautella em exigir os pagamentos. O çapateiro suspira e morre por ser eleitor; não são as glorias de cidadão que elle ambiciona, mas a possibilidade evidente de poder vender o seu voto pelo preço de dois pares de botins. Não podendo beber na taverna, folga nella. Dia de eleições é dia de festa para o çapateiro de escada. Veste-se de ponto em branco, vae para a freguezia, e não abandona a urna, em quanto não reconhece a manifesta impossibilidade de poder fazer um deputado digno do eleitor. Não poucas vezes o çapateiro d'escada é victima do seu amor á ordem e á legalidade. Creatura simples, chegada ao regedor, paga nos arraiaes as culpas que não commetteu, e arremedando o marido trahido da satyra de Tolentino, frequentemente algum inimigo mais pronunciado do regedor:

« Pelas manhas da besta pune a albarda. »

O çapateiro de escada nunca deixa passar pela rua o bando dos arlequins sem lhe exigir um cartaz, e com as taboas da lei na mão, explica ao povo escolhido os mysterios da corda bamba, a theoria da elasticidade, e os principios luminosos das forças centrifugas. Penna fixa de todos os arraiaes, a não serem intrigas mesquinhas, rarissimas vezes deixa de ser o pregoeiro de leilões. Poeta expontaneo como uma hortiga, o çapateiro não recua diante d'um motte. Não tendo a ventura de poder pagar decima, illude o seu desejo em as fazer no papel. Por via de regra o çapateiro de escada é inimigo do janota, porque se persuade que foi elle quem inventou o calçado moderno. Bom cidadão em theoria, póde o Governo chamar ás armas seis mezes a fio com a trombeta d'Oberon, que nem sequer um çapateiro d'escada accode a salvar a patria. Em troca porém da sua negação para as armas, entôa todos os hymnos com o verdadeiro enthusiasmo d'um girondino, e de pé na tripéça como os augures da Roma pagã, soletra em voz alta ás turbas, apinhadas em roda delle, o interessante e novo supplemento ao *Diario*, com as noticias circumstanciadas das ultimas victorias. O çapateiro de escada é partidario afferrado da estrategia de Fabio, porque entende que só das marchas e contramarchas, póde nascer a necessidade das meias sollas, ou o poetico devaneio do remonte sem restricções. Temendo as represalias mesquinhas da gente de coração pequeno, o çapateiro de escada entende e bem, que o mais rasoavel e seguro, é deixar-se morrer solteiro. Como medianeiro em mais de um cento de casos difficeis em assumptos amorosos, tem a presumpção de conhecer a fundo as mulheres, e teme pela inviolabilidade do juramento da que podesse gosar a ventura de lhe chamar seu marido. Não obstante aconselha o matrimonio, como o medico os paliativos que não possam sarar de repente. Louva o casamento como um meio hygienico e deixa-se ficar solteiro; aponta-o como um arrimo na velhice, e prefere morrer no hospital sem os affagos e carinhos da sua cara metade. Como toda a regra tem excepção, ha çapateiros de escada que se casam, ma

passada a lua de mel, não poucas vezes se vê obrigada a policia, a metter-se nos negocios domesticos dos dois extremosos conjuges.

Como todos os homens de principios invariaveis, o çapateiro d'escada embebeda-se por calculo; nessas occasiões ninguem ousa duvidar do seu patriotismo, nem contrariar o direito que lhe assiste, a dar o seu voto consciencioso n'uma lista carimbada. Ligado em amisade intima com o andador da sua freguezia, frequentes vezes pede emprestada a casaca, e caminha magestosamente de brandão accêso, ao lado da sege que leva mais um defuncto ao cemiterio dos Prazeres. Se lhe falta o trabalho, o çapateiro d'escada deixa-se adormecer socegadamente ao sol, e só accorda para ir pela fresca até á taberna, pedir ao vinho o calor, que o sol escondendo-se lhe negou por um instante. No fim do semestre duplicam-se-lhe as obrigações. Depositario das chaves dos inquilinos que abandonam o predio, dirige os novos pretendentes a verem a caza, explicando-lhes os commodos, louvando-lhes a vista, e argumentando com a barateza do aluguel. Põe as mãos no fogo pelo senhorio, préga uma verrina descabellada contra a falta de aceio do inquilino que sahiu da caza, e remata encarecendo a utilidade dos proprios serviços, afiançando que aquelle andar estava um palmito, antes de se ter mudado para ella um fanqueiro que tinha sete filhos, que foram sete pragas que lhe cairam no predio. Se consegue fazer com que se alugue o andar, offerece-se para ajudar á mudança, e diligenceia pôr-se ao facto dos costumes e modo de viver das suas futuras victimas. O çapateiro de escada não cede a ninguem a prioridade do invento, de viver sem ter de que viver. Mais mandrião do que o cauteleiro; se é possivel ainda mais amigo de dar á lingua do que o barbeiro de sanefas verdas, o çapateiro de escada vive e morre sem nunca ter contado com o dia de ámanhã, nem ter esperdiçado um minuto para a maledicencia. Ordinariamente o çapateiro de escada morre de uma indigestão, desfecho que talvez pareça pouco verosimil aos leitores, mas que eu lhes afianço ser verdadeiro o maior numero de vezes. Quasi sempre morre pelo tempo da fructa, ou victima da cereja-gallega, ou de uma colica, produzida por uma merenda de abrunhos. Não tendo que legar, tem tambem a ventura de lhe não dar que pensar a quem terá de instituir por seu universal herdeiro. Se assim não fosse, lucravam certamente todas as tabernas do sitio. O çapateiro de escada morre sem ter direito á necrologia, nem sequer ao menos conseguido, em quanto viveu, as honras de eleitor. Com os creditos d'um pessimo visinho, o çapateiro de escada não deixa saudades a ninguem do seu bairro. Passados mezes, então é que os moradores principalmente se recordam de que um çapateiro d'escada para alguma coisa lhes podia ser util.

L. A. PALMEIRIM.

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

VI.

Os monumentos de Genova.

(Continuado de pag. 356.)

369 Lembra-vos, meu querido leitor, nas *Viagens do Rheno* de Victor Hugo, um capitulo que elle intitulou *A proposito do museu Wallraf?*

É ahi que elle conta as incriveis exigencias do *pourboire*, com um chiste, não vulgar no sombrio e austero chronista da *Notre Dame*, e no impetuoso poeta das *Orientaes*, e das *Folhas de Outono*.

Ora esta inevitavel verba que os operarios intitularam *molhadura*, os cocheiros e boliciros *gorgeta*, e os camponezes *matar o bicho*, ou *pagar o vinho*, é de certo a mais insupportavel exigencia para a bolsa pouco abastada de um homem de lettras.

Ides vesitar um monumento, o porteiro faz-vos uma uma cortesia á porta: primeira *molhadura*. Passais ao primeiro pavimento, e já dais de frente com o *cicerone*. Explica-vos tudo o que se encontra na sala, com a precipitação verbal de uma velha resando *Padres Nossos*, e *Aves Marias*: segunda *molhadura*. Depois este, entrega-vos a outro, e passais de mão em mão, de *cicerone* em *cicerone*, de *molhadura* em *molhadura* até ficardes repleto de enthusiasmo artistico, e completamente vasio de numerario.

Quando Alexandre visitou Diogenes, disse-lhe este sabido comprimento: «Eu quisera ser Diogenes se não fosse Alexandre.» Se não tivesse a vocação desgraçada de homem de lettras, preferiria o cargo de *cicerone* a ter de rabiscar resmas de papel, mais ou menos semsabores, e de atormentar a imaginação umas poucas de vezes na semana, com grave detrimento da minha paciencia.

O *cicerone* é o mimoso filho da preguiça. O seu officio é a ociosidade: a sua vocação principal é a de rir das figuras mais ou menos grotescas, que passeiam pela Italia um renitente *spleen*; ou fogem das garras impiedosas de um exercito de credores, em completa insurreição.

Com um pouco de pulmão, com uma soffrivel doze de memoria, estais *cicerone*: decorais os nomes dos auctores dos quadros da vossa sala, e aprendeis a historia sufficiente para explicar os assumptos: feito isto, formulais um sermão, e viveis abastadamente, repetindo-o a cada novo viajante.

Por fóra, sei eu que é assim o *cicerone*, por dentro não tive occasião de o avaliar. Parece-me entretanto

que o *cicerone* pertence a essa raça, semi-artistica, e semi-aventureira, que tem em muito pouca conta todas as glorias do mundo, e que daria os louros de Austerlitz e de Marengo, por um prato bem adubado de *fungghi trifolati*. Especie rara, cuja abnegação, contida dentro dos limites da sensualidade, e da preguiça, eguala a dos monges e cenobitas do primitivo christianismo e dos cynicos da antiguidade. Haveria n'alguns a massa de que se fazem os heroes, prefiriram de boamente a commoda obscuridade, e os gosos honestos de uma vida tranquilla, e livre de emoções fortes. Essas naturesas desambiciosas, fumando um charuto depois de um jantar primoroso, julgão pigmeus moraes esses loucos que se affadigão a agitarem o ar com o som do seu nome, e a incommodarem os typos com o esplendor das suas façanhas, militares, politicas, ou litterarias. O *cicerone* talvez possua essa philosophia, preferivel cem vezes aos sonhos febris dessas mediocridades turbulentas, que atormentão a sociedade, para se incharem com algumas insignias vaidosas, e passearem pelo mundo a esteril demonstração da sua despresivel avidez.

O palacio ducal tem a sua historia, como todos os edicios publicos. O architecto Marino Boccanegra foi quem se encarregou do desenho da fabrica, no anno de 1291. Nesse mesmo seculo, elevou-se aos ares a torre que ainda conserva pouco mais ou menos a sua primitiva estructura.

No anno de 1388, sendo doge Antoniotto Adorno accrescentaram ao palacio um salão magestoso. Em 1591 construiram outro, ainda mais sumptuoso. Desgraçadamente um incendio acontecido no anno de 1777, destruiu e arruinou inteiramente as duas salas aonde tinham logar as sessões dos dois concelhos — maior, e menor. As duas magnificas salas que hoje se patenteam, á admiração dos estrangeiros, são de data recente, e perderam todo o attractivo da antiguidade.

Os quadros que vi, nem me causaram admiração, nem me parecem pertencer a auctores, ao menos pelo que tenho lido, que possuam uma decisiva reputação no mundo da arte.

N'um dos vestibulos, aonde existem os pedestaes das duas estatuas de André Doria, e de seu sobrinho, arrancadas pela furia popular no anno de 1797, ha um quadro de *Paggi*, com a *Madona*, S. João Baptista e S. Jorge.

Na sala maior (do grande conselho) corrida em volta de elegantes columnas da ordem corintha, ha uma especie de medalha com a apotheose da Liguria, e os feitos da familia Giustiniam. Depois ha estatuas, ornatos e pinturas, mais ou menos symbolicas, de Giovanni David, Emanuele Tagliafico, de Ravaschio Traverso, Andrea Casaregi, e do cavalheiro Carlo Giusepe Ratti.

Todos estes nomes, que não pertencem, como veem ao seculo de oiro da pintura, e estatuaria italiana, não se realção pela magnificencia e elevação das obras artisticas. Não, que eu tivesse tempo de examinar miudamente cada uma das composições, mas nenhuma me fez sentir no peito aquelle sobresalto, que depois senti, em presença de Raphael e Guercino, de Paulo Veronese, Ticiano e Tintoreto.

Expliquem como quizerem esta presciencia, este instincto, a verdade é que sem designar o auctor nem a eschóla, vendo um quadro pintado com superioridade, eu apontava-o immediatamente como uma maravilha d'arte. Em Milão, em Veneza, e na *Chertosa* de Pavia, não me faltou nunca esta emoção prophetica que os jogadores baptisaram com o nome espressivo de *palpite*.

A capella tem muitos *frescos* de João Baptista Carlone Este pintor é de uma reputação secundaria, mas é bastante apreciado na Italia. Entretanto, a intensidade, a correcção, a excellencia do seu talento, perderam forçosamente pela espantosa quantidade de obras, que se encontram por toda a parte, marcadas com o seu nome. Este artista alistou-se, acho eu, na classe dos industriaes: Tornou-se *faiseur* como A. Dumas, Scribe, e os modernos sybaritas da *letra redonda*.

Ó divina arte, virgem de casto olhar, e de austero e elevado aspecto, pallida como o lirio, de loiros cabellos espargidos em anneis pela curva deliciosa do teu pescoço, docemente inclinado, tu que de joelhos sobre a terra, só sabias erguer os olhos pelo espaço infinito dos céus, eis-te agora, misera vagabunda, vendendo os teus segredos, como a mulher publica os seus encantos, a tanto por columna, e não invocada, para engrandeceres a alma, mas para engrossar as rendas do litterato, do artista, e do poeta!

O demonio da cubiça tambem te precipitou do altar sagrado, d'onde dominavas as pequenezas do mundo: estendes a mão ao oiro, e os labios á devassa voluptuosidade dos grandes, e dos pequenos: as tuas vestes puras e santas arrastrão-se, mais de uma vez, no lodo da ignominia. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

E por isso contemplemos no gabinete dos syndicos, dois quadros attribuidos a Alberto Durer, S. Mauro, e S. Nicoláo. Se são ou não são do mestre allemão, isso não poderei eu decidir: o que posso affoitamente affirmar é que raras vezes me vi repassado de maior respeito religioso, de mais sincera projecção ideal: aquelles homens são na realidade santos: naquellas faces pallidas, naquelle soffrimento resignado e austero, sente-se despontar uma esperança ineffavel e augusta. A alma radiosa que lhes vive nos olhos, bem se vê que triumpha da carne crucificada pelas asperezas da penitencia, e as duras provas do ascetismo.

Alli admira-se o christianismo em toda a sua simplicidade, e não transformado pelos desejos terrestres. Os braços que acabaram de suster o pincel em vez de se lançarem, como os de Raphael ou Ticiano, ao collo da Fornarina ou da Muraneza, elevam-se ao céu, e oram fervorosamente: Alberto Durer é a alma de um christão bafejada pela imaginação de um artista.

Albergo dei Poveri e o Passeio d'Aqua Sola.

O nome exacto das ruas e praças por onde se tem de passar, para se poder visitar este estabelecimento de caridade, e dar algumas voltas no passeio, não vos saberei eu dizer, com temor de que algum genovez irritado me lance em rosto a minha inexatidão, ou a minha pouca memoria.

O que posso assegurar é que subi por uma magni-

fica escadaria de marmore preto, e que descobri da imminencia, aonde está construido o passeio, um dos mais mimosos e agradaveis panoramas, que tenho visto em minha vida.

O passeio é simplesmente um passeio, com bellas arvores, e ruas formadas e divididas por differentes arbustos, uma parte um pouco no genero inglez, se me não engana o pouco que sei da sciencia de horticultura, e jardinagem. Tambem não poderei repetir os nomes mais ou menos latinos, de que se serve a botanica, para desaffeiçoar a imaginação do culto do reino vegetal. A respeito de flores, gosto de lhes aspirar os perfumes, de lhes admirar as côres, mas prescindo de lhes saber o nome scientifico. São palavras que tem muitas syllabas, e que esgotam o pulmão, se por acaso tentamos pronuncial-as d'uma vez.

Este passeio não é grande, longe disso; mas está calculado para se poder nelle respirar, durante os dias calmosos, e as noites tepidas do estio: deve ser bello, n'uma noite de luar, vêr reflectida a lua nas azuladas aguas do Mediterraneo, alagando de luz aquellas verdes montanhas que se projectam, estreitamente abraçadas, até se perderem no horisonte.

Ao lado é que se descobre o sumptuoso edificio do Albergo dei Poveri. A sua construcção teve principio em 1655. Emmanuel Brignole; foi um dos que mais concorreu para que este monumento se completasse. Só d'uma vez offereceu cem mil liras de Genova, quando por falta de dinheiro, se iam suspender os trabalhos.

A fachada tem a base toda edificada segundo o estylo toscano: no corpo principal, as decorações pertencem á ordem corynthia. Nota-se alli um fresco de Giambatista Carlone, que representa os protectores da cidade.

Possue um grande numero de estatuas, de differentes auctores, de secundaria reputação, dedicadas aos que mais beneficiarem aquelle estabelecimento. Os nomes ainda hoje reluzem entre os da aristocracia genoveza: é Antonio Grillo; Giusepe Durazzo, Settimia Pallavicini, Maria Spinola Grillo, Filippo Ferretto, e o advogado Gandolfi.

Emmanuel Brignoli offereceu um quadro, attribuido a Puget, da assumpção da Virgem, que está na egreja.

Existe tambem na egreja um baixo-relevo em marmore, que se suppõe de Miguel-Angelo-Buonarotti, e que pelo menos, é de um merecimento artistico superior. É Nossa Senhora com o filho morto nos braços. Levei muito tempo a contemplar aquella severa e dolorosa composição, que o cinzel não abriu só com a imaginação e o talento, mas com a fé.

E depois, eu não sei que goso melancolico e triste existe em nós, homens do scepticismo, quando nos extasiâmos diante das obras, que as almas crentes de outros seculos avivaram com o magico esplendor da esperança!

Eram elles que faziam obras duraveis, e grandiosos monumentos, por que lhes não pesava no coração a duvida do seu futuro destino. Nós, somos os homens da prosa, dos prazeres materiaes, e do movimento febril. Queremos rasgar os ares com a rapidez do caminho de ferro, queremos sujeitar a natureza, usando das suas forças, em nosso beneficio. Não é a arte, é a industria, a rainha do seculo. E por isso, esta sombria agonia, que acommette o espirito, quando se vê perseguido da sinistra idéa do nada, não se revela se não nos hymnos desesperados, e nas tremendas imprecações da poesia. A arte moderna é sensual e pagãa. O ideal, o verdadeiro ideal das gerações desvanecidas, e do culto christão, esvoaça solitario sobre as agulhas das grandes cathedraes, e não pousa na terra, que a terra está orphãa de esperança.

E que importa? Em vez de prantearmos o passado, preparemos o futuro: se a vida do homem, como a vida da humanidade é uma continua lucta, é louco o que se assenta sobre as ruinas, dizendo que a existencia é uma amargura, a sciencia uma mentira, e a gloria uma quimera.

A morte passa como um relampago, e já Luthero disse no cemiterio de Worms: *Invideo, quia quiescunt.*

LOPES DE MENDONÇA.

[Continúa.]

NOTICIAS E COMMERCIO.

PAPEL CURIOSO.

Foi-nos entregue pessoalmente por seu auctor o artigo que se segue, e que já foi impresso no Rio de Janeiro.

Ao meu anniversario natalicio.

370 Oh bem vinde, bem chegade! Eu tem contigue.... Ia dizendo a natureza quando embasbacou com a sua obra (debaixo da immediata protecção de quem criou o orbe!)

Porêm disse-o em bom portuguez não arrastou para outro idioma: o texto é Inglez e da Castanheira sem ser da Carnota ou de Chabregas.

Tornando á Vaccafria: oh bem vinde, bem chegade; eu tem.... Respondeu-lhe quem me conservava em seu collo. Tem! pois seu proveito; não nos seque. E ao ver que tal dizer se encaminhava para a enomeração do quanto se contêm na historia natural; temendo o Reino animal e tapando-lhe a bocca; ia a despedilo quando pede o dito do bem chegade, que lhe ouvissem duas palavrinhas. Disse então a ama um pouco resignada; como é para a Vinha, Venha; diga... (porque se chegava) diga mesmo dahi. Disse assim. Estar contente, não me pique. Este menine bonite vem ao mundo de exquisite e nem os sines repique... Replica a ama que se callasse e elle formando murros inglezes foi amassando os ares e sahindo.

A tal ama, acalantando-me beijou-me, dizendo consigo; não teve repiques de sinos, e talvez não tenha prolongada vida: triste creatura. Deos te proteja! E então?! A tal carinhosa mulher não foi ouvida? Cá estou neste mundo com os meus 59 hoje 17 de outubro. Seja Deus louvado e com requerimento para continuar em bem.

Já vogou acreditado o systema que descreve e con-

cede aos Entes; propriedades que lhes provêm do signo em que nascem.

A compleição não vai tão longe. Debalde pretendam alguns (inda que baseados em differentes circumstancias:) que a pessoa nascida debaixo de taes ou quaes influencias, fiquem por isso, sugeitas a taes ou quaes; que possam dizer-se circumstancias, consequencias certas de uma tal Estrella. Dize-me com quem lidas; dir-te-hei as prendas que tens. Chega-te aos bons serás um delles, etc. É bem verdade que os factos depõem sufficientemente para regular com acerto as precisões da vida.

A compleição; semelhante ao caso da farinha; a mesma em mãos de padeiros: em um bom pão em outros menos máo, e em alguns ordinario.

Para todos os homens existe já talhado o vestido da fragilidade, e por isso mesmo a educação ganha terreno para edificar a sua obra: e bem assim como o constructor de ferramentas, dispõe-se para uma bella tempera! Como este, tem o bom Perceptor o resultado da sua obra.

Preparar em tempo o espirito humano, é a tarefa do prudente mestre que por amor aos homens e por amor de Deos quer de bom grado que fiquem no mundo, em cada um de seus discipulos um compendio de bem viver; uma frondosa arvore de viçosas, aromaticas, balsamicas, e sallotiferas prosperidades!

Á simples barreta de sublime; o melhor asço: prestareis de prompto a tempera? De certo não. Sem consolidal-a? Sem conhecel-a?! Depois de consolidal-a; de dar-lhe o estado de compaccidade que so faz mister, então vai a forma, e a tempera, e fica por conta sempre em vantagem, o bom fim de tal empreza.

Eisaqui para que servem os collegios. Para taes inclinações, taes insinuações.

Parece inclinar-se ás lettras, demonstrai-lhe dos philosophos os melhores concelhos. Entre as Letras e as Artes demora-se em analyses?! estima os quadros?! Deduz conselho, ou quer saber ideiar a execução? Torna-se indispensavel conhecer qual o melhor combustivel de melhor vantagem e que sirva a seus alliados constituidos em fogo de electrico manejo intellectual.

Armas ou Letras: são as duas veredas para aquelles que vem donde, a grandeza ostentou para o ceo e para a terra. Armas e letras, em gráo distincto são do gráo a grandeza em gráo distincto! E com Artes então?! Oh ceo bem sabes que foi Berço Lisboa de nobres Arabes! Arabia, Persia, o distincto Sollar dos de Bragança Regia Estirpe filhos. Arvore frondosa donde provenho. Assim m'o fez saber minha Augusta Mãe a Sra. D. Maria I de immortal memoria! Não morreu para mim porque existe no meu coração. Foi por estas, então incognitas razões, que a Sra. Maria de Jesus que me tratava como seu filho escolhido, me recommendou quando fui para a Campanha, deitando-me a benção: vai e aonde chegares dize que és filho de personagem: eu recusava-lhe honestamente e ella retorquio-me do mesmo modo.

A este tempo, em tropa de linha furriel da 5.ª companhia do 4.º regimento de artilheria; em fevereiro do anno de 1812 porque no de 1810 sendo 1.º Sargento do batalhão de Artilheria de Lisboa oriental, e indo das linhas de Lisboa à S. Vicente; quando descrevi a meus mestres o que acabava de praticar no Exercicio, no methodo que empregava para instruir os recrutas mereci que D. Diogo, conego Regrante de S. Agostinho me comparasse com o general francez (pela vivacidade com que me ouve, relatando tudo circumstanciadamente; elle disse o nome do General, de que agora me não recordo.

Ligar as Letras ás Armas, e ás Artes; e Constituir as Archas dos Litores; é fundar Imperios; é dictar as Leis; é impor Scilencio ao genero humano; e finalmente refundir a especie humana! Se tanto fôr mister.

Presenciar a marcha d'um exercito, vêr disfilar Cassadores, conhecer o seu Armamento pratica e theoricamente; as suas manobras; o melhor uso dessa parte das Armas nas descobertas; nas embuscadas; nos Golpes d'Armas em Campanha. Ver os Parques de Artilheria, conhecel-a no mór grau de seu Altivo uso e construcção! Nas suas marchas; na escolha de seus Callibres e finalmente no grau Excelço de seu mais elevado uso! Observar a Cavallaria, o Armamento que melhor lhe convêm, afim de que o Soldado seja Soldado e não conductor de Armamento; e neste caso por isso mesmo incapacitado de suas mais Nobres funcções: conhecer com acêrto o quanto pode conseguir-se de bem Armados e bem montados Esquadrões! Coadejuvando Corpos de Infanteria e Artilheria em ataques e defezas!

Penetrar os Archanos de Engenheria, e desta magna essencia nos Combates, fazer o melhor uso por meio de Companhias de Artifices, Mineiros; Ponteneiros e Marinheiros; Os Embarques e dezembarques, lançando Tropas aqui, alli, d'aquem; d'alem para virificar Batalhas e Ganhar Conquistas; é como fica dito; Dar Leis ao mundo, Constituir; fundar Imperios ou Corrigir abusos em mór grau de desciplina: é pois a minha Capacidade.

As Armas constituem o bem-estar, a segurança. Com as armas se obriga o Commercio. Com as armas se forma a pronuncia da Independencia na igualdade de direitos. Com as Armas se sacode o pezado jugo com que os estranhos pretendem roubar o melhor das industrias do povo honrado. Na desciplina e no bem acertado uso das Armas unidas se faz o officio de vigilantes caens guardando rebanhos; onde não pode chegar o Cajado do Pastor! Desta Arte medrão as Artes e a mãi das Artes a Nutrictora Agricultura!

A mãi das Artes; Agricultura; careceu Instrumentos para o fim de melhorar os seus rorarios exercicios; e obteve, está, obtendo e hade obter, como é mister instrumentos de mór vantagem; Irmãs nascem com os homens as Artes e os homens com ellas; com suas Irmãs descem ao Sepulchro, aberto com a sua mesma obra!

A Navegação: na sua infancia em pobre madeiro encontrou n'um frondozo ramo as vellas para percorrer o tortuozo tronco impellido pelas folhas e bazillica ramagem, semi-voltando-se, dando-lhe um andamento regular: assim a dei á execução no grande lago da Quinta do Alfeite: o Leme foi uma casca de uma Arvore: isto foi no anno de 1837 e no outono quando as vinhas estavam em rabisco. Porêm tornando á primitiva careceu uma quadrilha, e nesta bem collocadas Cavernas: dispostas a coadjuvar o andamento ou ro-

tura das aguas; alfim de que, nesta rotação contassem mais milhas em menos tempo; pobres os pretendentes, e cançados; aquinhoaram Vulcano ou para melhor dizer o Diabo, para do inferno lhe enviar o fogo! Nunca as Artes foram tão pobres em seus successos!

Só por si, viram os Artifices a sua obra galgando os encapellados máres, aproar ás mais longiquas praias! Só por si virão os Artifices o resultado das granagens Cunhas, Roldanas, e escapes; volteando grandes penedos com allavancas de differentes dimenções, até que chegou a mal fadada época em que ambição sem medida profanou a segurança, pretendendo mergulhar no rediculo o de melhor conhecido nas Sciencias e nas Artes!

Um só exemplo de Catastrofe bastava a negar uso a semelhantes Engenhos. Não foi novo o descobrimento do vapor como riagente, causa motôra. No anno 1812 em Evora Cidade, estando aquartellado em Caza de Vasco da Gama mestre Latueiro, de martello; este me fez saber a existencia de umas peras de metal que approximando-se ao fogo, cheias d'agua, faziam o officio de folles, soprando em quanto lhe durava o liquido resultado do Vapor. Os Vazos tapados, cheios de qualquer liquido que não seja susceptivel de inflammar-se demonstram na luta contra a tampa uma causa motriz; porêm devastadora de tudo quanto ha combustivel ou de pecunea! Espirito que vai não torna: dizem; não o digo eu.

PRAÇAS E FORTALEZAS DE PORTUGAL.

371 Albufeira — junto ao mar — Praça — Algarve.
Alcoutim — junto ao Guadiana — Praça — Algarve.
Alfaiates — junto a Hespanha — Praça — Beira.
Almeida — defronte de Cidade Rodrigo — Praça — Beira.
Arronches — junto a Hespanha — Praça — Alemtejo.
Aveiro — junto ao mar — Fortaleza — Beira.
Bom Sucesso — Tejo — Bateria — Estremadura.
Berlengas — mar — Fortaleza — Estremadura.
Bragança, defronte de Castella — Praça — Traz-os-Montos.
Bragança — S. João de Deus — Forte — Traz-os-Monte.
Buarcos — e Figueira — junto ao mar — Fortaleza — Beira.
Caminha — defronte de Galliza — junto ao Minho — Praça — Minho.
Campo Maior — junto á raia de Hespanha — Praça Alemtejo.
Cascaes — junto ao mar — Praça — Estremadura.
Cascaes — St.º Antonio — junto ao mar — Forte — Estremadura.
Castello Rodrigo — fronteira á Hespanha — Praça — Beira.
Castro Laborim — junto a Galiza — Forte — Minho.
Castro Marim — fronteiro a Ayamonte — Praça — Algarve.
Castello de Vide — defronte de Valença de Alcantara — Praça — Alemtejo.
Cezimbra — S. Theodosio — junto ao mar — Forte — Estremadura.
Chaves — Praça — Traz-os-Montes.
Chaves — Forte da Magdalena — Traz-os-Montes.
Chaves — Forte de S. Francisco — Traz-os-Montes.
Chaves — Forte de S. Neutel — Traz-os-Montes.
Elvas — fronteira a Badajoz — Praça — Alemtejo.
Elvas — N. Sr.ª da Graça — Forte — Alemtejo.
Elvas — Forte de St.ª Luzia — Alemtejo.
Ericeira — junto ao mar — Forte — Estremadura.
Espozende — junto ao mar — Forte — Minho.
Evora — Praça — Alemtejo.
Faro — Praça — junto ao mar — Algarve.
Faro — Forte de S. Lourenço d'Olhão — junto ao mar — Algarve.
Freixo d'Espada á Cinta — Fortaleza — Traz-os-Montes.
Jeromenha — junto ao Guadiana — Praça — Alemtejo.
Lagos — junto ao mar — Praça — Algarve.
Lazareto — ou Trafaria — Tejo — Fortaleza — Estremadura.
Luidosa — junto à raia de Galiza — Castello — Minho.
Maias — Forte — Estremadura.
Marvão junto á raia de Hespanha — Praça — Alemtejo.
Matozinhos — junto á cidade do Porto e ao mar — Minho.
Mertola — junto ao Guadiana — Praça — Alemtejo.
Melgaço — junto á Galiza e ao Rio Minho — Praça — Minho.
Miranda — junto a Castella — Praça — Traz-os-Montes.
Monção — junto ao Rio Minho — Praça — Minho,
Monforte do Rio Levre — junto a Galiza — Praça — Traz-os-Montes.
Monsarás — junto ao Guadiana — Castello — Alemtejo.
Montalvão — Castello — Alemtejo.
Montealegre — junto a Galiza — Praça — Traz-os-Montes.
Moura — defronte de Castella — Praça — Alemtejo.
Mourão — junto á Guarda — Praça — Alemtejo.
Noudar e Barrancos — Castello sobre o Rio Mortigão — Alemtejo.
Outeiro — fronteiro a Çamora — Castella — Traz-os-Montes.
Ouguella — Castello — Alemtejo.
Paço d'Arcos — junto á barra de Lisboa — Forte — Estremadura.
Palmella — além do Tejo — Castello — Estremadura.
Penamacôr — defronte de Castella — Praça — Beira.
Pederneira — junto ao mar — Forte — Estremadura.
Peniche — junto ao mar — Praça — Estremadura.
Portalegre — junto á raia de Hespanha — Praça — Alemtejo.
Porto — S. João da Foz — Fortaleza — Minho.
Povoa de Varzim — mar — Forte — Minho.
Sagres — junto ao mar — Fortaleza — Algarve.
Salvaterra do extremo — junto á raia — Praça — Beira.
Serpa — junto ao Guadiana — Praça — Alemtejo.
Setubal — junto ao mar — Praça — Estremadura.

Setubal — Castello de S. Filippe — Estremadura.
Setubal — Torre do Outão — Estremadura.
Setubal — Forte do Albuquerque — Estremadura.
Sines — Fortaleza — Estremadura.
Tavira — Fortaleza de S. João Baptista — Algarve.
Tavira — Praça — Algarve.
Tavira — Fortaleza de Santo Antonio — Algarve.
Torre de S. Vicente de Belem — Estremadura.
Torre de S. Lourenço ou do Bogio — Mar — Estremadura.
Torre de S. Julião da Barra — Estremadura.
Torre de S. Sebastião de Caparica — Estremadura.
Valença do Minho, defronte de Tuy — Praça — Minho.
Vianna de Caminha — Mar — Castello — Minho.
Vianna forte do cão — Mar — Minho.
Villa do Conde — Castello — Mar — Minho.
Villa Nova de Cerveira, defronte da Galiza — Praça — Minho.
Villa Nova de Portimão — Mar — Praça — Algarve.
Villa Nova de Portimão — Forte de Santa Catharina — Algarve.
Villa Real de Santo Antonio — Mar — Praça — Algarve.

BIBLIOGRAPHIA.

—

O Catholico.

372 Appareceu finalmente na liça da imprensa um novo campeão *O Catholico*. Seja elle bem vindo, que assás sentida era a sua falta!

Um estado não prospéra sómente pelos grandes esforços industriaes: a industria, bem como as leis que a protegem, pouco aproveita sem moral, sem religião. — Seja-nos exemplo a Inglaterra e os Estados-Unidos, aonde a par do seu genio industrioso por extremo, caminha em progresso a reforma de costumes, e a observancia religiosa.

Ora nós temos tido bastantemente, quem pugne pelos interesses e augmento material do paiz; mas quem falle de religião, da nossa religião catholica apostolica, que o actual Codigo da monarchia proclama — religião do Estado —: quem a faça comprehender do povo, e dos que não são povo, do proprio clero: quem revele a intima ligação, que ella tem com a politica e com a boa administração e felicidade dos povos: quem lhe descubra as fontes, donde procede a verdadeira philosophia e a moral: quem finalmente a ostente, como principio fecundo de grandes virtudes sociaes, de todas as instituições e reformas humanitarias, e até mesmo de heroicas acções e arrojadas emprezas puramente nacionaes, não tem havido.

O Catholico porém póde, e deve de fazer isto; que a extensão do seu titulo presta-se a muito. Não basta que elle constitua o seu tabernaculo nas alturas abstractas do dogma, e ahi repouse; é preciso descer a miudo ás realidades da vida, á observancia desses dogmas, ao positivismo da religião; é preciso armar-se de coragem e investir os abusos, debellar os erros, rebater os sofismas, castigar o indifferentismo, bem como a ostentação religiosa; é preciso descriminar a moral philosophica, da moral evangelica; o christianismo, do socialismo: a piedade sincera, do *bom tom* religioso; é preciso em summa appresentar em toda a sua pureza as importantes verdades do Evangelho, e segundo ellas indicar e resguardar a via, que nos cumpre seguir, para que a religião não seja entre nós um titulo vão, mas uma crença profunda e efficaz.

Assim concebiamos ha muito o jornal religioso, que nos faltava; quando recebemos o primeiro numero do *Catholico*, e logo depois o segundo, que mais nos confirma em a nossa opinião, dando-nos esperanças de vermos, em grande parte pelo menos, realisado o nosso juizo e os nossos desejos.

Depois da sua grave e modesta appresentação: depois de nos predispor pelo seu excellente artigo sobre o christianismo, para a grande empreza a que se abalança, *O Catholico* entra logo na interessante area das realidades, analysando a influencia do catholicismo na assembléa franceza, e chamando á censura um dos mais notaveis escriptos da nossa épocha.

Tanto um como outro artigo são realmente dignos de toda a attenção; mas em quanto ao segundo, não sabemos decidir, se um romance, em cuja leitura entramos de ordinario mais com o fim de admirar-lhe o espirito, do que de abraçar-lhe a doutrina e colher a moralidade, deva merecer do *Catholico* uma refutação tão seria e meditada.

Em todo o caso os dois numeros, que temos visto deste jornal, parecem-nos escriptos com bastante sciencia e digestão; e sobre tudo revelam um zelo verdadeiramente religioso, e um desejo sincero do augmento do catholicismo — é quanto basta.

Continue elle pois em a nobre empreza, que tão dignamente encetou; e sem fazer reparo nas suspeitas infundadas, que um excesso de despeito, ou falta de critica lhe possa aventar, abraçado com a sua cruz prosiga na carreira, que o premio celeste está seguro; e nisso fará incontestavelmente um grande serviço ao paiz, e não menos á religião.

Estremoz, 15 de Abril de 1851.

L. G. GAMA LOBO.

AVISO.

Miguel José Alves, da cidade de Pernambuco, correspondente da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, e da *Gazeta dos Tribunaes*, encarrega-se de receber de 6 até 10 exemplares de obras, e jornaes que se publicam em Portugal, e que a sua leitura tambem interesse no Brazil, uma vez que sejam de sciencia, litteratura, industria, agricultura e artes, que se achem completas, ou seja certa e garantida a sua continuação, sendo os seus preços rasoaveis e marcando-se as condições da assignatura ou venda, de cuja importancia se obriga a embolsar os respectivos proprietarios ou editores.